

RESUMO DO ANO AGRÍCOLA 2021/2022

(QUADRO DA PRODUÇÃO VEGETAL)

Março de 2023



AGRICULTURA
E ALIMENTAÇÃO



**Direção Regional de
Agricultura e Pescas
do Norte**
Uma Agricultura com Norte!



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

Divisão de Planeamento, Ajudas e
Estatística

Delegações da DRAP Norte

Projeto realizado em parceria com o Instituto
Nacional de Estatística



REPÚBLICA
PORTUGUESA

AGRICULTURA
E ALIMENTAÇÃO



Direção Regional de
Agricultura e Pescas
do Norte

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

Divisão de Planeamento, Ajudas e Estatística

Rua da República, 133

5370 – 347 Mirandela

☎ + 351 27 826 09 00 ✉ dsce.dpae@drapnorte.gov.pt

<https://drapnsiapd.utad.pt/sia/Estado-das-Culturas>

Capa: Castanheiro em Terroso, no concelho de Bragança, na zona de observação da Terra Fria.

Foto por Anabela Coimbra

Resumo

Durante o ano agrícola de 2021/2022, Portugal continental enfrentou uma situação de elevadas temperaturas e seca que teve um impacto significativo na agricultura. Em Trás-os-Montes (TM), onde a cultura de cereais praganosos para grão é mais expressiva, foram estimadas quebras de produção global de trigo, centeio, aveia, cevada e tritcale. A seca, associada a uma manifesta redução dos recursos hídricos disponíveis para a rega, impactou também negativamente a produção de milho para grão, o que levará a uma diminuição na sua produção em comparação com o ano anterior.

Em toda a região Norte, registou-se uma diminuição na produção de batata, tanto em regime de sequeiro como de regadio. É de salientar que a cotação da batata de epiderme branca no mercado de Entre Douro e Minho (EDM) registou uma subida apreciável, em consequência da quebra da produção global colhida.

A produção de frutos frescos, como a macieira e a pereira, enfrentou grandes dificuldades devido às condições climatéricas adversas e à escassez de recursos hídricos. Os agricultores tiveram de adotar técnicas de monda manual seletiva para obter bons calibres de frutas. Embora a campanha de produção de cereja de 2022 tenha apresentado produções ligeiramente inferiores às do ano anterior, houve um aumento nas cotações em saída de produção em TM. Por outro lado, observou-se uma quebra na produção global colhida de pêssago, relativamente ao ano anterior, em consequência de geadas tardias e do estado do tempo.

Na cultura do kiwi, desenvolvida maioritariamente na sub-região de EDM, a produção global diminuiu, não obstante algumas variedades terem evidenciado um ligeiro aumento. Por fim, a cultura de mirtilos teve problemas de maturação dos frutos devido às elevadas temperaturas verificadas no mês de julho, o que impediu o alcance do calibre mínimo para a comercialização. Espera-se uma diminuição significativa da produção, comparativamente ao ano transato.

A sub-região de TM foi severamente afetada pela seca, o que resultou na morte de um elevado número de castanheiros jovens e numa diminuição significativa da produção de castanha, em comparação com o ano anterior. A vespa das galhas do castanheiro continua a ser uma preocupação constante para os agricultores, devido aos seus efeitos negativos na floração e frutificação das árvores afetadas.

A amêndoa teve um avanço significativo no ciclo de cultivo mas também sofreu as consequências das condições de seca, o que se traduziu numa quebra significativa na produção global colhida, em comparação com o ano anterior. Durante a colheita, muitos frutos já haviam ultrapassado a fase ideal, o que levou os agricultores a adotarem medidas de armazenamento e descasque mecânico em curto prazo. A boa adaptação da cultura a altitudes superiores ao esperado - possivelmente atribuída ao aquecimento global - é um

aspecto positivo, mas é urgente incentivar estudos de mitigação das alterações climáticas para garantir a sustentabilidade da produção de frutos secos no futuro.

De forma geral, a cotação da amêndoa com casca em TM diminuiu ligeiramente, em relação à campanha anterior, enquanto as cotações da castanha beneficiaram de aumentos significativos nas três variedades acompanhadas.

No que diz respeito à produção de vinho, registou-se um aumento na sub-região de EDM, à exceção da sub-região vitícola do Alvarinho, que sofreu uma queda na produção nas castas tintas.

A produção de azeitona para conserva, exclusiva da sub-região de TM, teve uma redução significativa na produção global, devido à seca e à falta de recursos hídricos disponíveis. Além disso, uma parte da azeitona destinada à conserva foi desviada para a produção de azeite. Quanto à azeitona para azeite, houve também uma diminuição significativa na produção, em comparação com o ano anterior.

No EDM, houve um bom crescimento das pastagens, resultando em produções semelhantes às do ano precedente. Porém, nalgumas áreas em que as culturas forrageiras foram desenvolvidas na condição de sequeiro, as quebras na produção foram pronunciadas, devido à seca, mas também ao alfinete (diversas espécies de Agriotes) e à ação dos javalis. Já em TM, muitas áreas sofreram com a seca, levando a uma redução significativa na produção de matéria verde, especialmente em prados e pastagens localizados em terrenos com baixa humidade no solo. Em alguns casos, essas áreas chegaram até ao ponto de emurchecimento permanente (PEP).



Índice

1. Estado do tempo e sua influência na agricultura	6
2. Cereais praganosos para grão	8
3. Milho grão	10
3.1 Milho em sequeiro	10
3.2 Milho em regadio	11
4. Batata	12
4.1 Batata em sequeiro	12
4.2 Batata em regadio	13
5. Frutos frescos	14
5.1 Pomóideas: Maçã e Pera	14
5.2 Cereja	16
5.3 Pêssego	17
5.4 Kiwi	18
5.5 Mirtilo	19
6. Frutos secos	20
6.1 Amêndoa	20
6.2 Castanha	21
7. Vinha	24
8. Olival	25
8.1 Azeitona para conserva	25
8.2 Azeitona para Azeite e Azeite	25
9. Prados, pastagens e culturas forrageiras	27
10. Fitossanidade	29
Anexo - Culturas Permanentes – Variações de Áreas	31

1. Estado do tempo e sua influência na agricultura

Durante o inverno, entre dezembro de 2021 e fevereiro de 2022, Portugal continental enfrentou uma situação de elevada temperatura e seca. De acordo com o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), este foi o 4º inverno mais quente desde 1931, com temperaturas mínimas superiores à média em 25% dos anos. Os valores de temperatura máxima do ar foram excecionalmente elevados em todos os meses, com destaque para fevereiro, que registou um desvio de +3.0 °C. Além disso, o inverno de 2021/22 foi o 5º mais seco desde 1931, com apenas 33% da precipitação média esperada. Janeiro e fevereiro foram classificados como meses de seca grave e extrema, respetivamente, afetando 66% do território no fim do inverno.

Na primavera, entre março e maio de 2022, Portugal continental enfrentou temperaturas extremamente elevadas e uma situação de seca meteorológica persistente. De acordo com o IPMA, a primavera foi a mais quente dos últimos 92 anos, com valores de precipitação inferiores à média em 25% dos anos. O mês de maio foi particularmente seco, sendo o 4º mais seco dos últimos 92 anos. Em março, houve uma precipitação elevada, especialmente na região Sul, com valores de cerca de 1,5 a 2 vezes a média nas estações do Norte e Centro e cerca de 2 a 3 vezes nas estações do Sul. A situação de seca meteorológica desagravou-se em março, invertendo-se novamente a tendência em maio, afetando 98,5% do território no fim da primavera.

No verão, entre junho e agosto de 2022, Portugal continental enfrentou uma situação de extremo calor e seca, especialmente em julho, que foi o mês mais quente dos últimos 92 anos. De acordo com o IPMA, o verão foi o 4º mais quente dos últimos 92 anos, com valores médios acima do normal em junho e agosto, principalmente na temperatura máxima do ar. A situação de seca meteorológica agravou-se ainda mais no verão, afetando todo o território no fim da estação, com 1,5% em seca moderada, 97,1% em seca severa e 1,4% em seca extrema.

Segundo o IPMA, no seu «Boletim Climático para o Continente», de setembro de 2022, o ano hidrológico de 2021/2022 terminou com um défice de precipitação de -393,8 mm, sendo classificado como o mais seco desde 1931, depois dos anos de 2004/2005 e 1944/1945. Em termos médios a quantidade de precipitação neste ano hidrológico fixou-se em 55% do valor normal, ou seja de 488,3 mm.

Espacialmente, os valores ocorridos de precipitação acumulada foram inferiores aos normais em todo o território continental no ano de 2021/2022, o que se traduziu numa classificação de ano de seca. A variabilidade dos valores oscilou entre os -50,0% em certas zonas do Nordeste Transmontano e do Litoral Sul e os -25,0%, em relação aos valores normais.

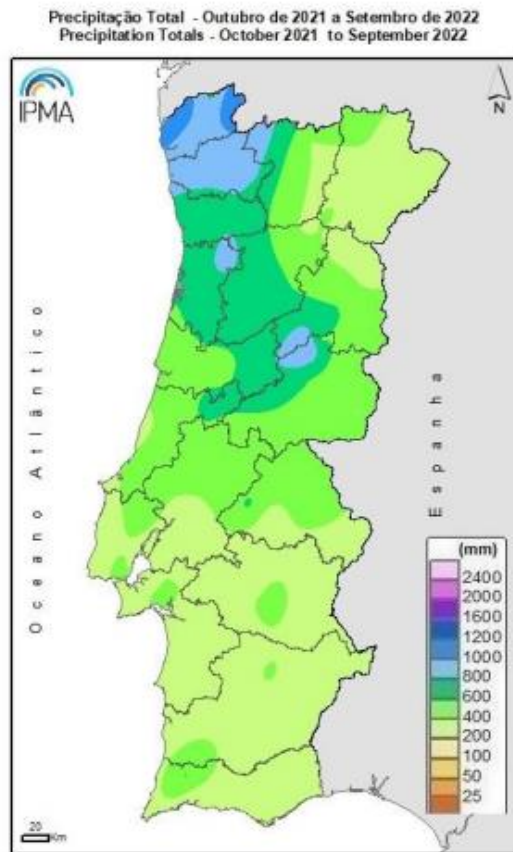


Figura 1. Precipitação acumulada de outubro de 2021 a setembro de 2022.
Fonte: IPMA.

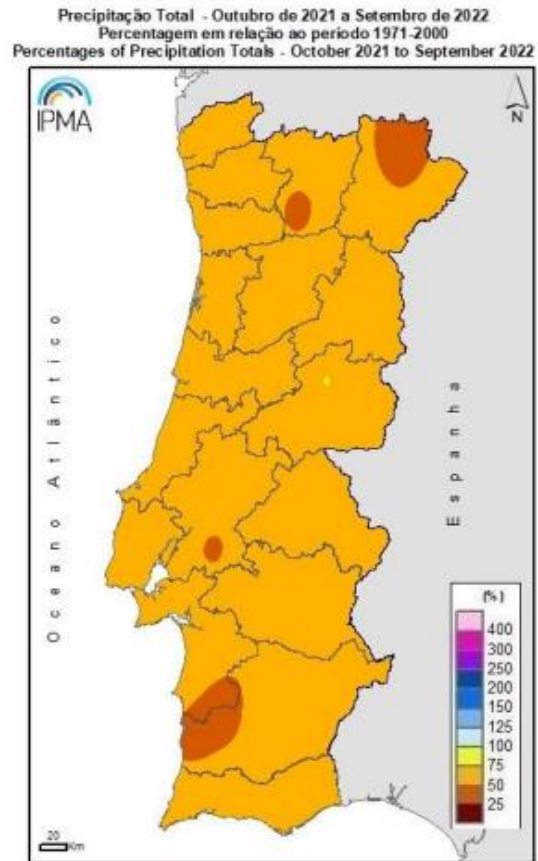
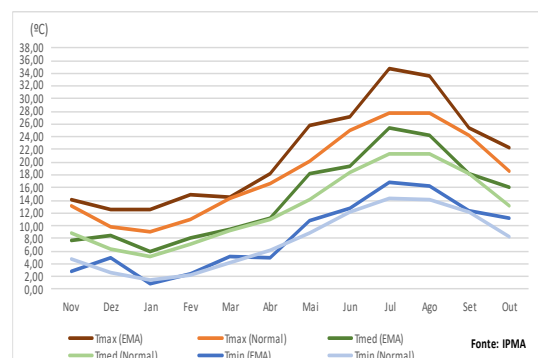
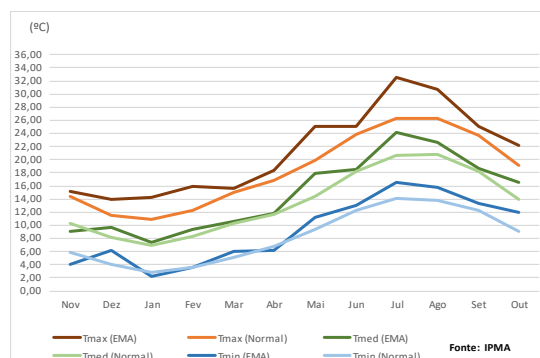
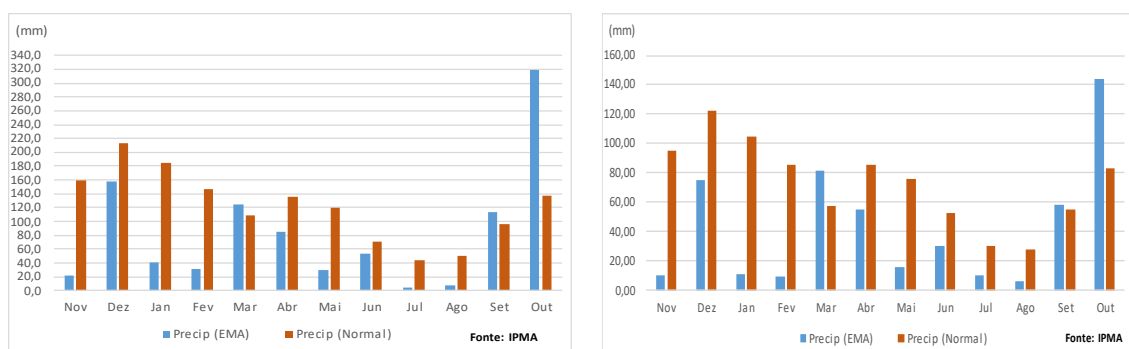


Figura 2. Precipitação acumulada de outubro de 2021 a setembro de 2022. % em relação à média 1971-2000

Realizamos uma análise da evolução das temperaturas e da precipitação na região Norte de Portugal, mais especificamente nas sub-regiões de EDM e TM, referente ao ano agrícola em questão. Os gráficos que se seguem apresentam os dados recolhidos, permitindo uma compreensão mais precisa das condições meteorológicas de cada uma das sub-regiões durante o período em análise.



Gráficos 1 e 2. Temperaturas ocorridas nas Estações Meteorológicas Automáticas (EMA) do IPMA, de novembro de 2021 a outubro de 2022, na sub-região do EDM (esq.) e de TM (dir.), comparativamente às Normais Climatológicas (1971-2000).



Gráficos 3 e 4. Precipitação acumulada nas EMA do IPMA, de novembro de 2021 a outubro de 2022, na sub-região do EDM (esq.) e de TM (dir.), comparativamente às Normais Climatológicas (1971-2000).

Observa-se que, durante o período do ano agrícola em análise, as temperaturas médias registraram um acréscimo de +1,2°C na sub-região do EDM e de +1,5°C em TM. Em relação à precipitação, verificou-se uma significativa redução em quase todos os meses do ano, com exceção dos meses de março, setembro e outubro de 2022. O valor total da precipitação no ano agrícola em análise foi inferior em cerca de -32,0% no EDM e de -42,0% em TM, em relação aos valores normais.

De um modo geral, as condições climáticas não foram favoráveis ao desenvolvimento das culturas durante a maior parte do ciclo produtivo. Em especial, as culturas permanentes foram as mais afetadas pela seca, apresentando diminuições assinaláveis na produção e reduções nos crescimentos vegetativos, podendo interferir na produção dos anos subsequentes.

2. Cereais praganosos para grão

Entre Douro e Minho

Na sub-região de EDM, os cereais praganosos para grão estão em risco de extinção devido à sua produção voltada principalmente para o autoconsumo, com a utilização residual do grão para a produção de pão, além da autoutilização para alimentação animal e queima de palha na preparação dos porcos abatidos. As sementes utilizadas são provenientes da produção do ano anterior, o que limita ainda mais as oportunidades de mercado para esses cereais.

Comparativamente ao ano anterior, a área semeada com aveia para grão apresentou a maior diminuição, enquanto que a produção de trigo continua a diminuir, sendo a sua área residual em toda a sub-região de EDM. O centeio também sofreu uma redução na sua área semeada, em comparação com o ano transato. Para todos os cereais praganosos, as produções foram inferiores às do ano anterior. As quebras de produção da

aveia e do centeio foram provocadas pela acama resultante das chuvas de julho, bem como pela ação de pássaros e javalis.



Aveia para grão, com alguma acama, em Valença, na zona de observação do Vale do Minho.
Foto por Aurora Alves

Trás-os-Montes

As colheitas dos cereais praganosos para grão foram concluídas ao longo do mês de agosto e decorreram com a normalidade permitida pelas condicionantes impostas na declaração de contingência no País, que obrigou a paragens dos trabalhos de colheita. No que concerne ao peso específico do grão, a título de exemplo para o trigo, premissa também para todos os outros cereais praganosos, o grão obtido foi de qualidade inferior à do ano anterior com um peso específico entre os 55 e os 57 kg/hl, bastante abaixo do normal e mesmo ao do ano anterior que foi de cerca de 65 kg/hl. Quanto à palha, também a sua produção foi inferior à do ano transato.

A ocorrência de precipitação com uma intensidade forte e, por vezes, sob a forma de granizo, provocou o fenómeno de acama das searas em determinadas zonas localizadas, sendo pouco expressivas no contexto regional.



Várias parcelas com cereal de outono/inverno para grão.
Fotos por Anabela Coimbra



Seara já colhida na mesma parcela, em Bragança, na zona de observação da Terra Fria.

Atendendo a tudo o descrito, estimaram-se quebras na produção global de grão, comparativamente ao ano anterior, para o trigo, o centeio, a aveia, a cevada e o tritcale. De acordo com a DRAPN (Sistema de Informação de Mercados Agrícolas - SIMA), as cotações médias mais frequentes do trigo e centeio para grão em 2021, foram, respetivamente, de 0,204 e 0,180€/kg.

3. Milho grão

3.1 Milho em sequeiro

Entre Douro e Minho

No passado, o cultivo de milho em sequeiro era uma prática comum, utilizada como uma forma de aproveitamento de todas as terras disponíveis para a alimentação dos agregados familiares. Contudo, atualmente, a cultura do milho para grão tem perdido relevância devido ao seu baixo interesse económico, assim como à idade avançada da maioria dos agricultores.

Os milhos cultivados em solos com deficiência hídrica apresentam características que comprometem a vitalidade da planta, como espigas incompletas, caules mais curtos e folhas amareladas na parte inferior da planta, levando à diminuição na produção, em comparação com o ano anterior.

Trás-os-Montes

No milho em sequeiro, a baixa percentagem de água no solo durante o seu ciclo cultural, condicionou um desenvolvimento vegetativo compatível com uma produção de nível normal, provocando assim, um decréscimo significativo da produção global colhida deste cereal, relativamente ao ano transato.



Milho em regime de sequeiro em Vinhais.
Zona de observação da Terra Fria.
Foto por Anabela Coimbra

3.2 Milho em regadio

Entre Douro e Minho



Parcelas de milho em regadio com bom desenvolvimento vegetativo, apesar da situação de seca. Arga de Cima, Caminha, na zona de observação do Vale do Minho.
Foto por Aurora Alves

Em geral, existe uma área destinada ao cultivo de milho com o propósito de produção de grão. Entretanto, devido a várias circunstâncias, como a preferência pelo uso da produção em milharada ou na produção de silagem, essa área terá sido desviada do seu propósito original.

Tal desvio pode ser resultado de diversos fatores, como a necessidade de garantir a alimentação animal, a falta de mercado para a venda de grãos ou a falta de capacidade de armazenamento para os mesmos. É esperada uma diminuição na produção de milho, em comparação ao ano anterior.

Trás-os-Montes



Milho em sequeiro, na zona de observação do Corgo e Marão.
Foto por Rui Lagoa

A situação vigente de seca, associada a uma manifesta redução dos recursos hídricos disponíveis para a rega, restringiram de forma significativa o desenvolvimento vegetativo do milho grão em regadio. Estima-se, por isso, uma quebra da produção global colhida em relação ao ano anterior.

4. Batata

4.1 Batata em sequeiro

Entre Douro e Minho

Observou-se que a seca e as elevadas temperaturas aceleraram a maturação dos batatais, provocando uma quebra generalizada de produção. Apesar disso, a qualidade da produção é considerada satisfatória, prevendo-se uma razoável conservação em virtude das condições meteorológicas favoráveis durante todo o ciclo vegetativo. Adicionalmente, não foram registados problemas de comercialização.

Trás-os-Montes

Apesar da cultura de sequeiro ser realizada mais cedo no calendário agrícola, aproveitando a disponibilidade - normalmente maior - de água no solo, este ano a percentagem de água disponível foi inferior e as temperaturas do ar estiveram acima do normal durante o período de desenvolvimento da cultura. Isso resultou numa diminuição na produção, em comparação ao ano anterior.

Além disso, o agravamento da quebra de produção deve-se ao facto de que a área plantada da cultura em 2021/2022 foi ajustada para uma estimativa mais realista, o que não foi acompanhado adequadamente no âmbito do projeto Estado das Culturas e Previsão de Colheitas (ECPC).

4.2 Batata em regadio

Entre Douro e Minho



Batata em regadio com bom desenvolvimento vegetativo, em Vila Nova de Cerveira, na zona de observação do Vale do Minho.

Foto por Aurora Alves

A produção de batata em regadio enfrentou adversidades significativas devido à escassez de recursos hídricos. A falta de água para garantir uma frequência normal de regas e a quantidade necessária para a cultura resultou numa diminuição na produção global colhida, em comparação com o ano anterior.

Trás-os-Montes

Devido à atual situação de seca, a produção de batata em regime de regadio sofreu uma queda significativa em relação ao ano anterior, uma vez que houve escassez de recursos hídricos para manter a frequência normal de rega e as dotações de água necessárias. Por outro lado, o agravamento da quebra de produção deve-se ao facto de que a área cultivada de batata em 2021/2022 foi ajustada para uma estimativa mais realista, o que não foi tido em devida conta no âmbito do ECPC.



Colheita de batata em regadio, na zona de observação do Corgo e Marão.

Foto por Rui Lagoa

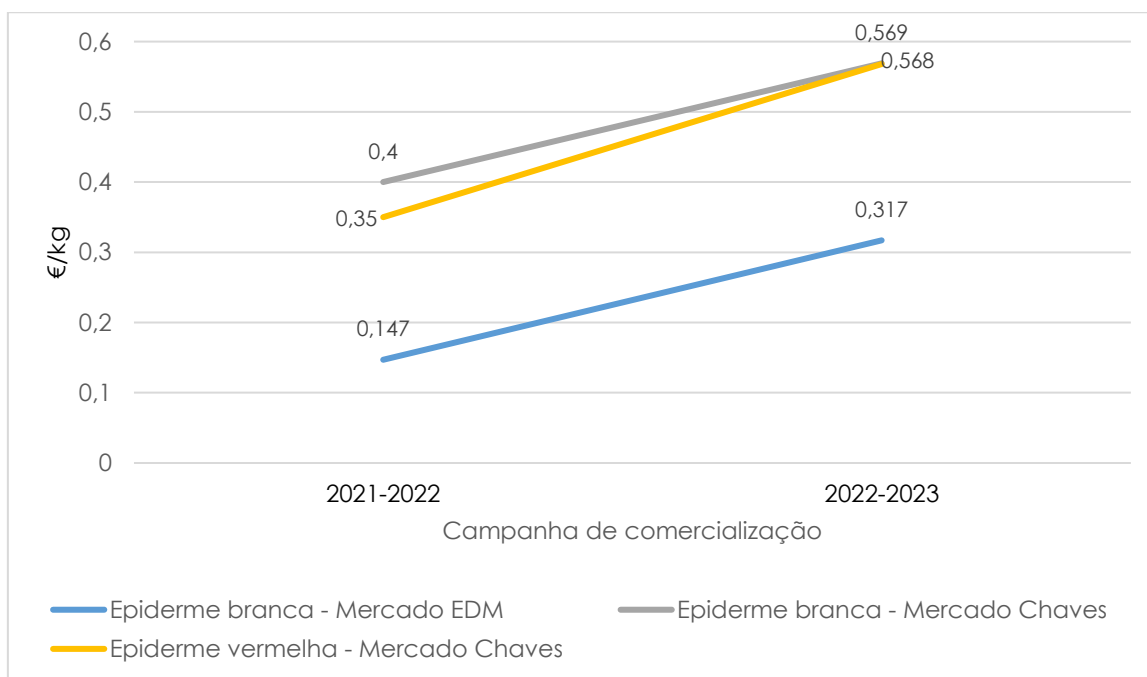


Gráfico 5: Cotações médias (saída de produção) mais frequentes da batata de conservação.
Fonte: DRAPN - Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA).

A cotação da batata de epiderme branca no mercado de EDM registou uma subida expressiva, de 0,147€ para 0,317€ (116%). O mesmo sucedeu nas áreas de mercado de Chaves, para ambos os tipos de batata, sendo na epiderme branca de + 42,3% e na epiderme vermelha de + 62,3%. Esta variação é consequência primordial da quebra da produção global colhida. No entanto, recorda-se que, para TM, ainda decorre a campanha de comercialização. Faz-se notar que a campanha de comercialização de um determinado produto pode desenvolver-se unicamente durante o ano de produção, ou prolongar-se ainda pelo ano seguinte. Assim, poderá existir, para alguns produtos, um desfasamento entre o ano de produção e o período completo de comercialização.

5. Frutos frescos

5.1 Pomóideas: Maçã e Pera

Entre Douro e Minho

As árvores de fruto como a macieira e a pereira apresentaram deficiências no processo de floração, com vigamentos fracos e frutos de baixa qualidade, além de calibres médios a pequenos e baixo rendimento em termos de quantidade. Como consequência, houve uma redução significativa na produção de maçã e pera, em comparação ao ano anterior. As dificuldades enfrentadas pelos agricultores destes frutos decorrem de diversos fatores, tais como condições climáticas adversas, doenças ou pragas, entre outras.

Trás-os-Montes

Perante a situação de seca, tanto as culturas temporárias como as permanentes enfrentaram grandes dificuldades, especialmente as culturas de maçã e pera, que exigem um elevado grau de profissionalismo. A escassez de recursos hídricos afetou a capacidade de irrigação adequada, condicionando de sobremaneira a produção de frutos que atendam às exigências do mercado. Como resultado, os agricultores foram obrigados a realizar diversas passagens nas mesmas árvores para colher os frutos.

Com o objetivo de obter bons calibres, os agricultores adotaram técnicas de monda manual seletiva em complemento à monda química, que já havia sido utilizada anteriormente.



Pomares de macieiras, na zona de observação do Beira Douro e Távora e colheita de frutos na zona de observação do Corgo e Marão.
Fotos por Rui Lagoa

Em termos de balanço, considerando a ocorrência de um período prolongado de seca durante grande parte do ciclo de produção, associado à diminuição dos recursos hídricos disponíveis, observou-se um aumento significativo, tanto na taxa de frutos que não atenderam aos padrões exigidos pelo mercado em termos de calibre e coloração, como na quantidade de frutos que caíram prematuramente e foram destinados à indústria. Esta conjuntura resultou numa redução na produção global colhida, em comparação ao ano anterior.



Maçã para indústria com uma percentagem elevada de calibres baixos (fora dos parâmetros de comercialização), na zona de observação de Beira Douro e Távora.
Foto por Rui Lagoa



Pomar de macieiras da variedade *Royal Gala* em Carrazeda de Ansiães, com elevada queda de frutos.

Foto por Paulo Guedes

5.2 Cereja

Como a formação e maturação deste fruto ocorrerem durante a época primaveril, a qual é geralmente caracterizada por condições meteorológicas instáveis, é comum que as suas características e condições de comercialização possam ser facilmente afetadas pelas condições ambientais.

No entanto, apesar das condições meteorológicas desfavoráveis que impediram que os pomares atingissem seu potencial produtivo na plenitude, a campanha de produção de 2022 apresentou resultados ligeiramente inferiores, comparativamente aos do ano anterior.

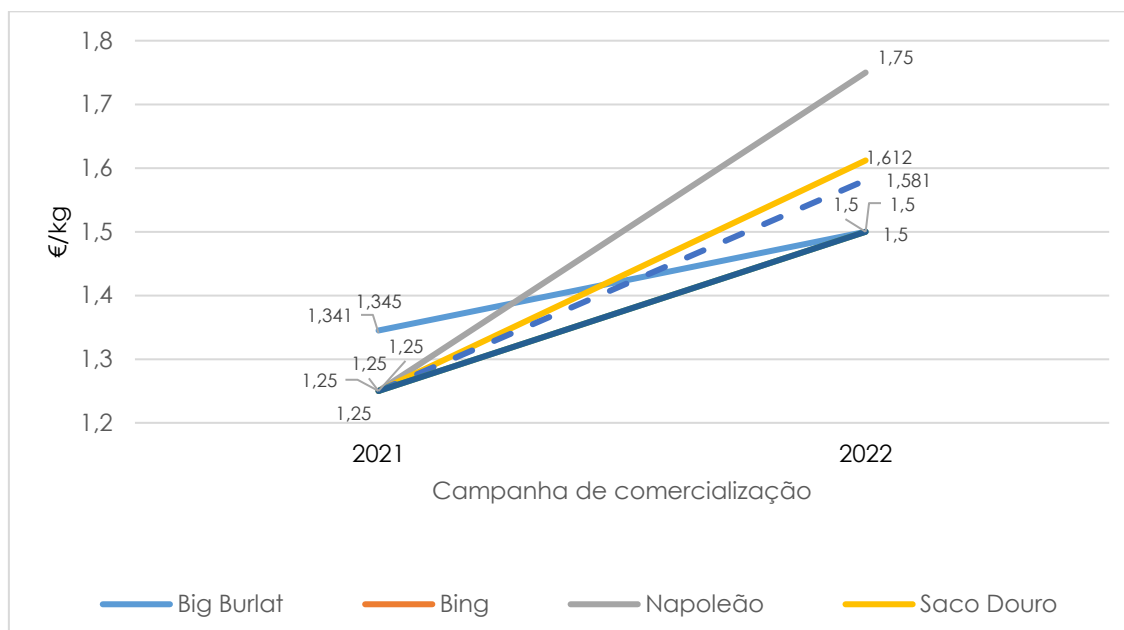


Gráfico 6. Médias ponderadas das cotações (saída de produção) mais frequentes da cereja (categoria II), na área de mercado de Alfândega da Fé (TM).
Fonte: DRAPN - Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA)

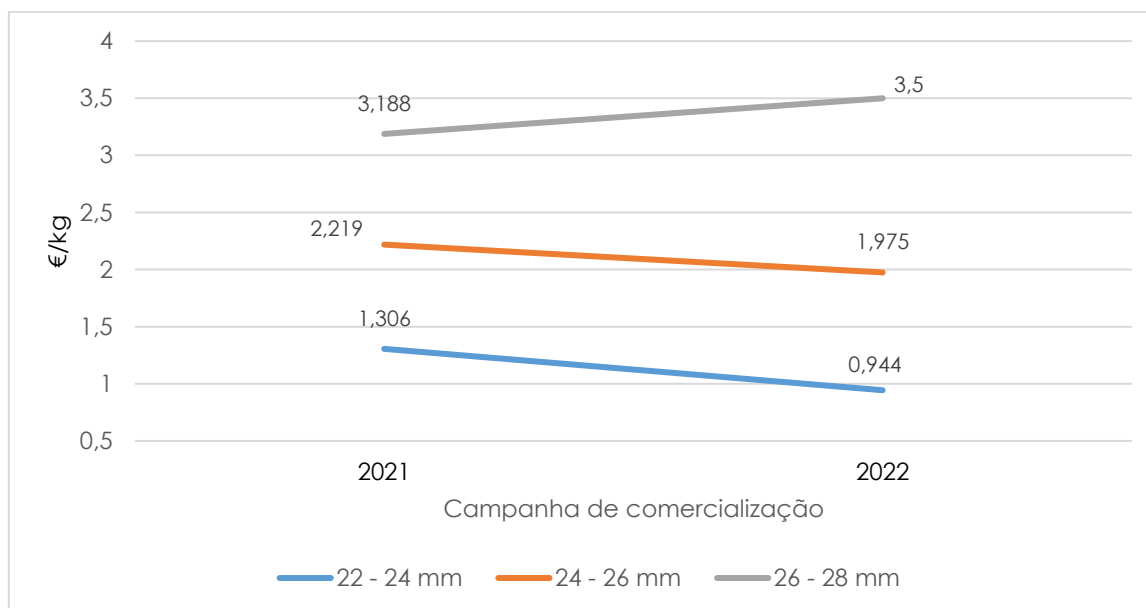


Gráfico 7. Médias aritméticas das cotações (saída de estação) mais frequentes da cereja (categoria I), em função do calibre, na área de mercado de Resende (EDM).
Fonte: DRAPN - Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA)

Na presente campanha, em TM, as cotações de cereja em saída de produção apresentaram um acréscimo para todas as variedades. No entanto, no que diz respeito à cereja em saída de estação, não houve cotações registadas para qualquer uma das variedades em 2022. É importante salientar que, no ano anterior (2021), a cotação em saída de estação foi de 2,00€/kg, para todas as variedades.



Floração normal nas cerejeiras, em Paredes de Coura, na zona de observação do Vale do Minho.
Foto por Aurora Alves

No EDM, registaram-se decréscimos nas cotações da cereja na campanha mais recente, especialmente nos calibres inferiores, na única categoria (I) em que foi possível realizar comparações. No entanto, é importante destacar que o calibre 26-28 mm apresentou um acréscimo de 10% na sua cotação.

5.3 Pêssego

Nos pessegueiros das variedades mais precoces e até mesmo nas mais tardias, a estimativa é de uma quebra na produção global colhida, relativamente ao ano anterior, em consequência de geadas tardias e do estado do tempo. Contudo, nos pomares novos, com tecnologia de ponta na produção, a incidência da quebra será menos expressiva.



Pessegueiros de variedade tardia, na zona de observação do Douro Superior.
Foto por Rui Lagoa

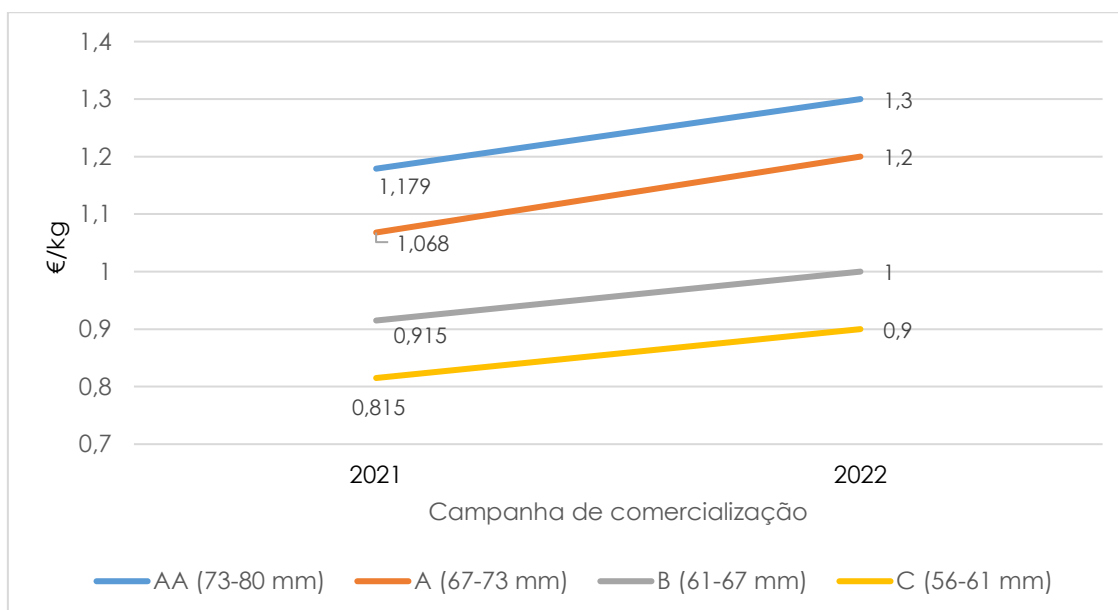


Gráfico 8. Médias ponderadas das cotações (saída de produção) mais frequentes do pêssago de polpa amarela, em função do calibre, na área de mercado da Vilariça (TM).

Fonte: DRAPN - Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA)

Em TM, nesta última campanha de comercialização, observou-se um acréscimo nas cotações mais frequentes para todos os calibres.

5.4 Kiwi

Na sub-região de EDM, a cultura do kiwi é favorecida pelas excelentes condições edafo-climáticas para o seu desenvolvimento. Contudo, para atingir o seu potencial máximo, é necessário garantir um número mínimo de horas de frio e proteção adequada contra as geadas.

Os períodos de colheita do kiwi são altamente variáveis e dependentes das características específicas de cada variedade e das condições meteorológicas. Embora as primeiras chuvas, no final do ciclo vegetativo, tivessem favorecido o crescimento dos frutos e reduzido a quebra de produção esperada, as elevadas precipitações em outubro e novembro levaram a sucessivos adiamentos e prolongamentos na colheita.

Apesar de algumas variedades, como o kiwi arguta, terem registado um aumento ligeiro na produção, em comparação com o ano anterior, e um calibre de frutos uniforme, a produção global de kiwi diminuiu. Essa queda pode ser atribuída a uma série de fatores, incluindo as condições meteorológicas adversas, bem como práticas culturais inadequadas ou ineficazes.

Destaca-se, também, que alguns agricultores obtêm produtividades constantes ao longo dos anos, graças ao uso de substâncias que quebram a dormência, pólen artificial, controlo rigoroso das dotações de rega e outras práticas culturais eficazes. Esses resultados

ressaltam a importância de uma abordagem técnica e científica sustentada, para maximizar o potencial da cultura do kiwi e garantir maiores rendimentos.

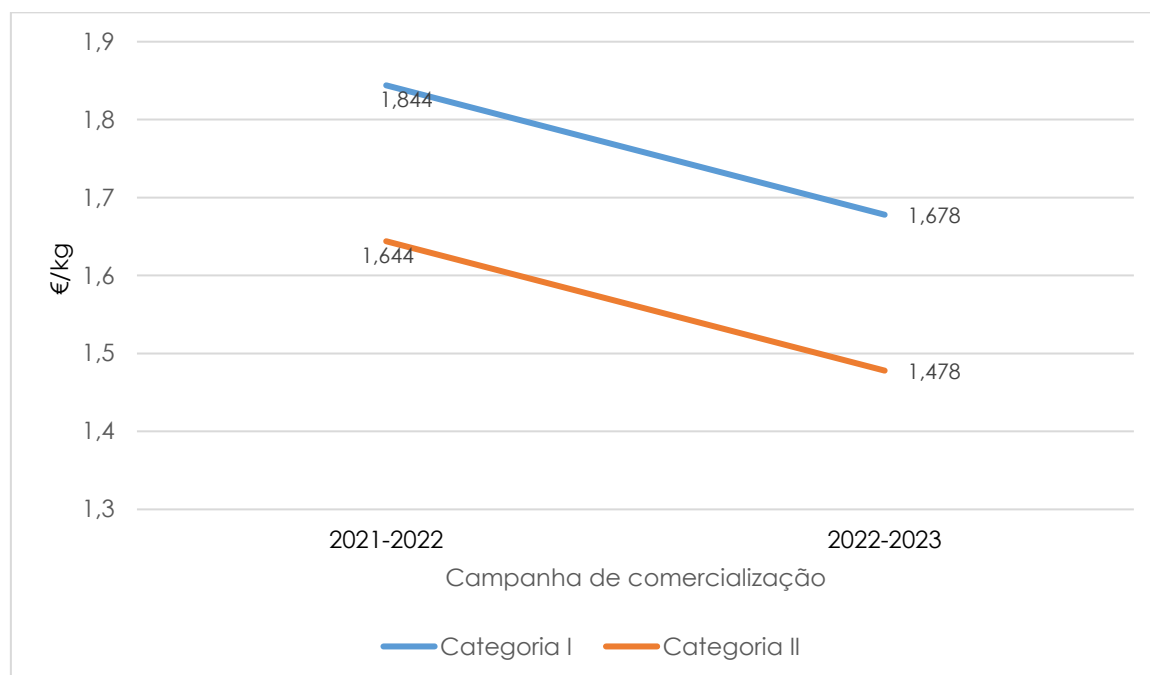


Gráfico 9. Médias aritméticas das cotações (saída de estação) mais frequentes de Kiwi, na área de mercado do Grande Porto.

Fonte: DRAPN - Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA)

Na sub-região de EDM foi constatada uma queda nas cotações médias do Kiwi, tanto para a categoria I como para a categoria II.

5.5 Mirtilo

A cultura de mirtilos tem despertado interesse, sobretudo, entre jovens agricultores. No entanto, as elevadas temperaturas verificadas no mês de julho aceleraram o processo de maturação dos frutos, não atingindo o calibre mínimo necessário para a comercialização. Em virtude disso, em várias explorações agrícolas com esse problema, os agricultores optaram por interromper a colheita, já que os custos com a mão-de-obra superavam o rendimento obtido. Por outro lado, nas variedades de mirtilos mais tardias, com menor necessidade de horas de frio, prevêem-se boas produções e frutos de qualidade.

De salientar ainda que alguns agricultores não realizaram a colheita, face ao baixo valor



pago pelo fruto e ao aumento dos preços dos fatores de produção. Também se verificaram dificuldades na contratação de mão-de-obra para as diversas operações culturais. De forma geral, espera-se uma quebra muito significativa na produção, comparativamente ao ano passado.

Colheita do mirtilo em período de chuva, provocando a perda de muitos frutos, em Paredes de Coura, na zona de observação do Vale do Minho.

Foto por Aurora Alves

6. Frutos secos

6.1 Amêndoa

O desenvolvimento vegetativo destas culturas foi condicionado pela situação de seca na região, verificando-se a perda de um considerável número de árvores, sobretudo nos novos pomares.

Apesar de ter ocorrido uma floração e parte do vingamento do fruto normal, assim como um avanço significativo no ciclo da cultura (10 a 15 dias), devido a geadas tardias e à situação de seca, constatou-se uma quebra significativa na produção global colhida, em comparação com o ano anterior. Durante a colheita em grande parte dos pomares de TM, ocorreram casos em que a casca externa já havia ultrapassado a fase ideal para a colheita, o que levou os agricultores a adotarem medidas de armazenamento dos frutos em recipientes e procederem ao descasque mecânico 2 a 3 dias depois.

Cabe ressaltar que o valor da previsão indicada para o conjunto dos concelhos da Terra Fria, de 190%, em contraste com as outras áreas, deve-se ao facto de que uma área considerável dos novos pomares implantados entrou em plena produção e não propriamente às condições meteorológicas do ano agrícola. No entanto, é notável a boa adaptação da cultura a altitudes superiores ao esperado, o que pode ser atribuído ao aquecimento global. Sendo assim, é necessário incentivar estudos de mitigação das alterações climáticas.



Amendoal na zona de observação do Douro Superior.
Fotos por Rui Lagoa

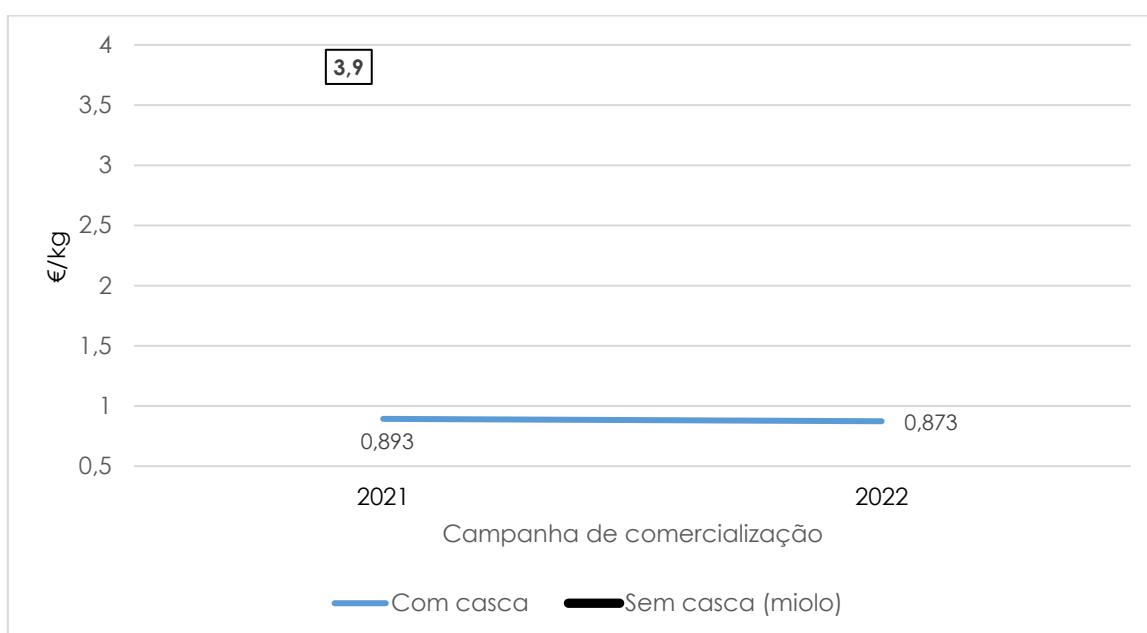


Gráfico 10. Médias ponderadas das cotações (saída de produção) mais frequentes da amêndoa, na área de mercado do Douro (TM).

Fonte: DRAPN - Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA)

Observou-se uma ligeira diminuição da cotação da amêndoa com casca (-2,2%), relativamente à campanha anterior.

6.2 Castanha

Entre Douro e Minho

Verificou-se alguma produção nas variedades temporãs, mas as variedades tardias apresentaram baixa produção. Em situações normais, um ouriço deveria produzir 2 a 3 castanhas, mas o que se verificou é que produziu apenas uma de calibre razoável e as restantes secas.

A colheita foi prejudicada pela chuva e a ausência de dias ensolarados comprometeu a abertura dos ouriços. Além disso, as castanhas das variedades regionais, como a amarela, por exemplo, carecem de sabor e possuem pouco poder de conservação.

A produção deste ano foi significativamente inferior à do ano anterior, tanto em quantidade como em qualidade. Além das pragas do bichado, ocorreu também a podridão, uma doença recente favorecida pelas condições de baixa humidade e alta temperatura. Nas novas plantações, que não possuem sistema de rega, a seca ocasionou a morte de muitas plantas, comprometendo, assim, a produção global.

Trás-os-Montes

Na conjuntura vigente de seca severa/extrema, todas as culturas feitas essencialmente na condição de sequeiro, na qual o castanheiro se inclui, estão com níveis de stress hídrico muito elevados, o que provocou uma mortalidade de plantas acima do normal. A floração dos castanheiros decorreu de forma satisfatória, mas em períodos mais curtos que os normais. As árvores tiveram um desenvolvimento vegetativo um pouco incipiente, com uma quase estagnação no desenvolvimento dos ouriços por influência do baixo teor de humidade nos solos e da falta de precipitação.

A ocorrência de precipitação significativa na segunda quinzena de outubro, contribuiu para o atenuar do stress hídrico e para o desenvolvimento vegetativo dos ouriços e assim proporcionar uma melhoria no calibre do fruto. Contudo, a produção global colhida teve uma diminuição bastante significativa, comparativamente ao ano anterior.



Castanheiros com ouriços já visíveis, na zona de observação da Terra Fria.
Fotos por Anabela Coimbra

É imperativo enfatizar a constante preocupação com a propagação exponencial da vespa das galhas do castanheiro (*Dryocosmus kuriphilus* Yasumatsu). Em árvores afetadas, a debilidade é claramente evidente, bem como uma diminuição significativa na floração e frutificação.



Colheita mecânica e acondicionamento da castanha Martaíinha na zona de observação do Beira Douro e Távora.
Fotos por Rui Lagoa

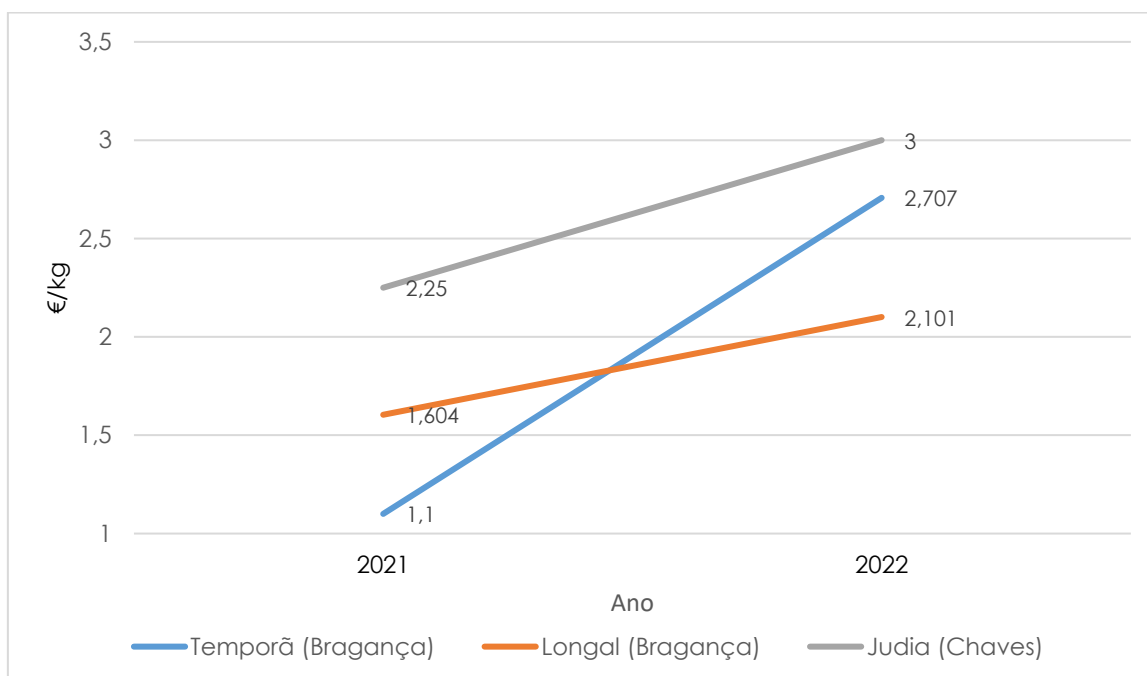


Gráfico 11. Médias ponderadas das cotações (saída de produção) mais frequentes da castanha, nas áreas de mercado de Bragança e Chaves (TM).

Fonte: DRAPN - Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA)

Em TM, as cotações da castanha, nas três variedades acompanhadas, registaram aumentos significativos, relativamente à campanha anterior.

7. Vinha

Entre Douro e Minho

Estima-se um aumento na produção de vinho, em comparação com o ano passado. De um modo geral, houve um aumento na produção das castas de vinho branco, sucedendo o oposto ocorreu nas castas tintas. A qualidade do vinho é boa, com graduações superiores às do ano passado, o que abre boas perspectivas de comercialização para as adegas e grandes produtores.



Vinha da casta Loureiro com um bom desenvolvimento vegetativo, em Ponte de Lima, na zona de observação do Vale do Lima.

Foto por Sandra Coelho

Na sub-região vitícola do Alvarinho, os dados finais da vindima indicam uma quebra na produção, em comparação com o ano passado, sobretudo nas castas tintas. É de destacar os níveis de acidez bastante baixos e graduações médias próximas dos 13 graus no Alvarinho e superiores aos 11 graus na Trajadura e nos vinhos tintos. No que diz respeito à comercialização, espera-se um aumento das vendas.

Trás-os-Montes

Apesar de certas vicissitudes ao longo do seu ciclo vegetativo, a cultura da vinha beneficiou das precipitações ocorridas em setembro, o que resultou num degravamento da estimativa de quebra na produção global. Assim, em comparação com o ano anterior, a colheita total teve uma redução tanto na produção de uvas de mesa como na produção de uvas para vinho.



Vindima de castas tintas na zona de observação do Beira Douro e Távora.

Foto por Rui Lagoa

8. Olival

8.1 Azeitona para conserva

No caso do olival para conserva, que tem apenas implementação em TM, observou-se uma redução significativa na produção global, em consequência das condições de seca vigentes e da consequente redução dos recursos hídricos disponíveis, apesar de uma grande parte da área cultivada nesta cultura ser irrigada.

O agravamento dessa previsão deve-se ao fato de que, na zona de observação do Planalto Mirandês, mais precisamente no concelho de Mogadouro - o segundo em termos de representatividade de área da cultura na sub-região - os frutos produzidos apresentarem calibre muito miúdo e não possuírem as condições necessárias para serem classificados como azeitona de mesa.

Além disso, é importante salientar que, em várias ocasiões, uma certa percentagem da azeitona destinada inicialmente para conserva é desviada para a produção de azeite, devido à sua inadequação face às características exigidas para a conserva.

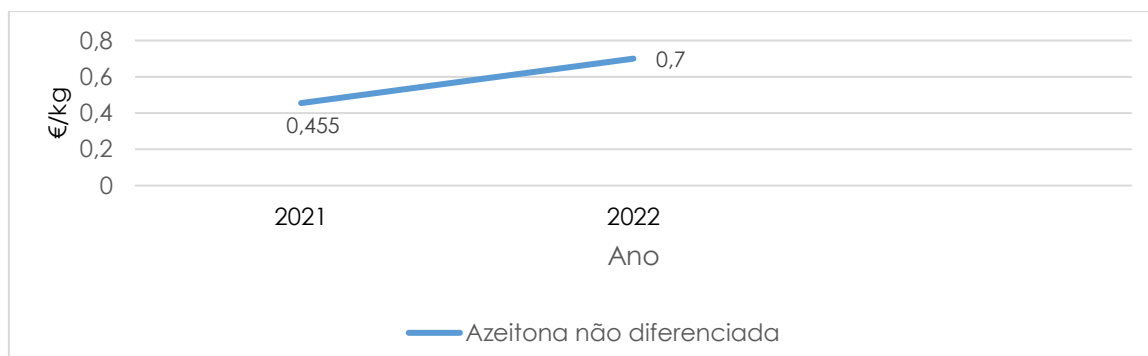


Gráfico 12. Médias ponderadas das cotações (saída de produção) mais frequentes da azeitona de conserva Negrinha de Freixo.
Fonte: DRAPN - Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA)

8.2 Azeitona para Azeite e Azeite

Entre Douro e Minho

É comum observar pequenas variações na época de colheita da azeitona e no funcionamento dos lagares. Algumas zonas começam a colheita em meados de outubro, como é o caso da zona de observação do Vale do Lima, enquanto outras zonas iniciam a operação dos lagares a meio de novembro. Dos dois lagares existentes na zona de observação do Cávado, apenas um funcionou, e somente com azeitonas originárias da sub-região de TM. Na zona de observação do Lima, o lagar de Bravães (Ponte da Barca) foi o único que laborou, desde 29 de outubro até 3 de dezembro de 2022. Este lagar recebeu azeitonas dos concelhos do Vale do Lima, Vale do Minho e de Barcelos, mas ainda assim teve que adquirir algumas azeitonas do Alentejo.

O mau tempo, associado ao facto de ser um ano de contrassafra, com pouca azeitona vingada, desmotivou totalmente a colheita. Por isso, é esperada uma expressiva diminuição na produção, em comparação com o ano precedente. No entanto, deve-se ter em mente que o ano agrícola anterior foi um dos melhores para a produção de azeitona. O azeite produzido destina-se principalmente ao autoconsumo, sendo apenas vendido o excedente.

Trás-os-Montes

Face à predominância do regime de sequeiro, torna-se evidente a influência das condições meteorológicas, como exemplificado pelo ano de seca de 2022, no ciclo vegetativo anual da cultura de olival. Em casos extremos, essa influência pode-se propagar para os ciclos seguintes. No entanto, é importante ressaltar que, por vezes, em áreas contíguas, observa-se a presença de olivais com boa produção e outros em que praticamente não há produção.

A fase final da colheita foi dificultada em algumas zonas pelo fato de que os solos onde a cultura está implantada já se encontravam no estado de saturação total. Portanto, a estimativa de produção global colhida é de uma quebra acentuada, em comparação com o ano anterior.



Olival em solo saturado.

Fotos por Paulo Guedes



Colheita manual da azeitona em Mirandela, na zona de observação da Terra Quente.



Extração de azeite tradicional, na zona de observação da Terra Fria.
Foto por Anabela Coimbra



Linha de extração, na zona de observação do Douro Superior.
Foto por Rui Lagoa

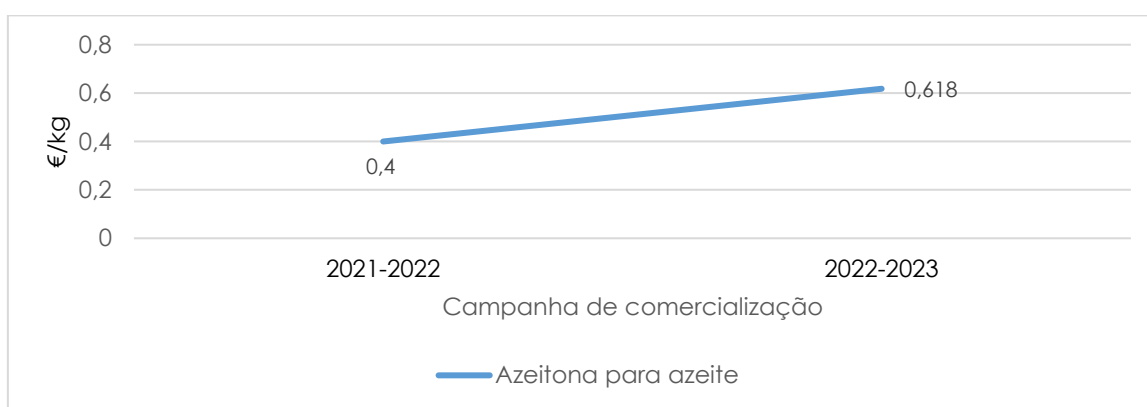


Gráfico 13. Médias ponderadas das cotações (saída de produção) mais frequentes da azeitona para azeite na área de mercado de TM.
Fonte: DRAPN - Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA)

Em TM, registou-se um aumento da cotação na azeitona para azeite na ordem dos + 54,5%.

9. Prados, pastagens e culturas forrageiras

Entre Douro e Minho

Os prados e as pastagens, tanto em regadio como em sequeiro, registaram um bom crescimento devido à precipitação e às temperaturas amenas, tendo ocorrido o mesmo nas pastagens pobres.



Fardos de feno para a suplementação animal, nos Arcos de Valdevez. Zona de observação do Vale do Lima.
Foto por Sandra Coelho

Nas áreas onde não houve restrições de água e nas terras férteis com elevado lençol freático, a produção de milho forragem foi semelhante à do ano anterior. Contudo, estima-se uma redução na produção de milho forragem em comparação com o ano passado. Já quando a cultura foi desenvolvida em sequeiro, verificaram-se maiores quebras de produção, com campos completamente secos e espigas pequenas. Vastas áreas sofreram reduções significativas devido ao alfinete (várias espécies de Agriotes), tendo os ataques dos javalis contribuído também para esta situação.

O efetivo animal foi alimentado com forragens verdes e outros alimentos grosseiros, tais como palha, feno e silagem. A suplementação foi realizada com diversos concentrados comerciais, distribuídos em quantidades inferiores às do mesmo período do ano anterior, devido aos aumentos vertiginosos dos preços.



Azevém forrageiro, em Viana do Castelo, na zona de observação do Vale do Lima.
Fotos por Sandra Coelho



Cultura forrageira biodiversa, em Viana do Castelo, na zona de observação do Vale do Lima.

Trás-os-Montes

As condições de pastoreio em muitas regiões foram severamente afetadas pela seca, resultando numa reduzida produção de matéria verde, sendo mais evidente em prados e pastagens localizados em terrenos com baixa humidade no solo. Nalguns casos, essas áreas atingiram até mesmo o ponto de emurchecimento permanente (PEP). No entanto, é importante ressaltar que em algumas zonas, como junto a linhas de água e em terrenos de aluvião, ainda é possível encontrar uma quantidade razoável de matéria verde.

Em relação ao ano anterior, a produção de alimentos grosseiros, como fenos e silagens, teve uma redução estimada de cerca de 20 a 25%. A administração de rações industriais é realizada de forma complementar e em situações específicas da alimentação de base.



Contraste entre pastagem junto a linha de água e em terrenos mais elevados, em Bragança, na zona de observação da Terra Fria.

Fotos por Anabela Coimbra

10. Fitossanidade

Entre Douro e Minho

No EDM, o controlo de pragas e doenças continua ser um desafio constante para os agricultores. Ao longo do ano agrícola foram realizados tratamentos fitossanitários preventivos e curativos em diferentes culturas, visando minimizar as perdas económicas e garantir a qualidade dos produtos.

Em dezembro, foram executados os tratamentos de inverno nas culturas perenes, como o tratamento do míldio dos citrinos e outras medidas profiláticas no combate a pragas e doenças. Em janeiro, face à disseminação pela região da bacteriose da actínídea - PSA (*Pseudomonas syringae* pv. *actinidae*) e da psila africana dos citrinos (*Tryza eritreae*), que têm um impacto económico significativo, foram cumpridos os tratamentos necessários para minimizar o impacto daquela bactéria.

Em fevereiro, foram concretizados os tratamentos de inverno, como a proteção dos pessegueiros contra a lepra e das nespereiras contra o pedrado. Em março, foram executados os primeiros tratamentos fitossanitários preventivos para o míldio da batateira. Em abril, foram realizados os habituais tratamentos de inverno na vinha contra a escoriose, com efeitos também no míldio. Além disso, foram feitos tratamentos curativos para a lepra do pessegueiro e preventivos para o míldio da batateira. Em maio, foi necessária a renovação dos tratamentos para o míldio da videira, da batateira e pedrado nas pomóideas.

Em julho, a incidência de pragas e doenças na vinha diminuiu devido às elevadas temperaturas e baixa humidade relativa. Em agosto, foram concretizados os tratamentos para a flavescência dourada e oídio na vinha.

Em setembro, foram registrados ataques da praga "galha do castanheiro" e de alfinete que afetaram a produção de milho silagem. Em outubro, foram realizados tratamentos contra a mosca da azeitona.

Trás-os-Montes

A vertente sanitária dos soutos manteve-se na ordem do dia. Assim, foram alertados os agricultores para doenças muito graves que podem afetar os castanheiros, como a tinta (*Phytophthora cinnamomi*) e o cancro do castanheiro (*Cryphonectria parasitica*). Foram ainda referidas várias práticas culturais que podem contrariar o seu aparecimento. Ainda para esta cultura, foram prestadas informações sobre ataques da Vespa das galhas do castanheiro (*Dryocosmus kuriphilus*), assim como para as medidas que podem ser promovidas para beneficiar o seu predador natural (*Torymus sinensis*), no sentido de melhor combater esta praga. Foram observados ataques com alguma severidade de *septorise* nos castanheiros, sendo mais incidente na zona de produção da denominação de origem da Padrela.

No que diz respeito às outras culturas, para além da necessidade de combate a certas pragas como, por exemplo, contra a Cigarrinha da Flavescência Dourada (*Scaphoideus titanus*), em todas as vinhas de determinadas freguesias de vários concelhos da região, da mosca da azeitona (*Bactrocera (Dacus) oleae*), ou da Traça da Oliveira (*Prays oleae*), será de referir a ocorrência de períodos em que existiram condições favoráveis ao desenvolvimento de doenças criptogâmicas, como Míldio, Oídio e Podridão negra (*Black rot*), nas vinhas e Míldio nos batatais.

Anexo - Culturas Permanentes – Variações de Áreas

Em relação às variações das áreas das culturas permanentes, em comparação ao ano anterior, destacam-se as seguintes situações nas duas regiões.

Cultura	Variações de Área de 2020/2021 para 2021/2022 (ha)	
	Entre Douro e Minho	Trás-os-Montes
Macieiras	- 2,29	- 215,48
Pereiras	+ 0,55	- 64,26
Marmeleiros	- 0,21	+ 24,79
Pessegueiros	- 1,02	- 47,68
Ameixeiras	- 0,83	- 13,10
Cerejeiras	- 5,72	- 27,04
Damasqueiros	- 0,29	+ 13,78
Figueiras	- 1,24	+ 1,30
Diospireiros	+ 2,90	- 1,71
Kiwi	+ 46,34	+ 0,37
Amoras	- 1,93	- 0,56
Framboesas	- 12,29	+ 0,43
Mirtilos	- 28,26	+ 0,29
Groselhas	- 1,44	- 1,91
Laranjeiras	+ 1,13	- 31,98
Tangerineiras	- 0,86	- 2,00
Limoeiros	+ 6,43	- 7,03
Amendoeiras	- 4,82	+ 529,82
Castanheiros	- 11,00	- 303,82
Nogueiras	- 3,17	- 10,74
Aveleiras	+ 2,53	+ 70,06
Pistacho/Pistácio		+ 49,92
Sabugueiro		- 23,00
Vinha p/ uva de mesa	- 4,49	+ 0,82
Olival de Conserva		- 19,70
Olival de Azeite	+ 15,46	- 115,47

Importa mencionar que, neste momento, não são apresentadas no Quadro da Produção Vegetal (QPV) estimativas das variações de áreas destinadas à cultura da vinha. Espera-se a divulgação da informação oficial, que será fornecida pelo Instituto da Vinha e do Vinho em momento posterior.